

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS MODERNAS -  
DALEM  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA  
MODERNA

FABIO SCHLICHTING

**ANÁLISE DO ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E PECULIARIDADES  
DO CASO BRASILEIRO**

TRABALHO FINAL DE ESPECIALIZAÇÃO

CURITIBA - PR

2014

**FABIO SCHLICHTING**

**ANÁLISE DO ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E PECULIARIDADES  
DO CASO BRASILEIRO**

Artigo como trabalho final de Especialização apresentado ao Departamento Acadêmico de Línguas Estrangeiras Modernas - DALEM, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná como requisito parcial para obtenção do título de “Especialista em Ensino de Línguas Estrangeiras Modernas”.

Orientador: Prof. Egídio Romanelli

**CURITIBA - PR**

**2014**

# ANÁLISE DO ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E PECULIARIDADES DO CASO BRASILEIRO

**RESUMO:** Este trabalho apresenta um retrato do ensino de idiomas focando no aluno, no professor, na sala de aula e ainda algumas considerações sobre o estudo de idiomas no Brasil e no exterior levando em consideração a interação entre aluno e professor, o processo de globalização e os estudos realizados sobre inteligências múltiplas. O presente trabalho segue um viés descritivo. Com a globalização, a aceleração da comunicação, as redes sociais e o comércio mundial, a língua inglesa tornou-se padrão nas relações entre os países, o professor de inglês passou a ocupar um espaço privilegiado no tocante à formação linguística dos interessados em estreitar laços dos mais diversos com os mais variados países.

**Palavras-chave:** aluno-professor; visão plural; ensino brasileiro.

**ABSTRACT:** This paper presents a portrait of language education focusing on the student, the teacher, in the classroom and also some observations on the study of languages in Brazil and abroad taking into account the interaction between student and teacher, the process of globalization and studies performed on multiple intelligences. The present work follows a descriptive pattern. With globalization, the speed of communication, social networking and global trade, the English language has become standard on the relationships between countries, the English teacher has come to occupy a privileged position in relation to language training to those interested in closer ties with many different countries.

Key words: teacher-student; plural view; Brazilian teaching.

## 1. Introdução

O presente trabalho serve como um retrato da situação do ensino de idiomas no Brasil no momento atual. Podendo ser utilizado como instrumento de reflexões mais pontuais. No entanto, o papel descritivo muito mais que o reflexivo é o que presta-se a relatar neste artigo.

Por meio de uma descrição plural é possível de se relatar o que é visto sobre a sala de aula brasileira sem atermo-nos a dicotomias da ordem aluno-professor, certo-errado, sala de aula atual-sala ideal. Aparentemente é fácil descrever o panorama do ensino de idiomas no Brasil. No entanto, um olhar técnico acerca do tema é muito mais complexo pois envolve a problemática de como sistematizar a abordagem do tema.

Neste trabalho serão abordadas características sobre os agentes desse processo: professor e aluno, as possíveis relações conflituosas ou positivas entre eles, bem como aspectos de idade, formação, e gênero que venham a atribuir efeitos dos mais variados.

Uma outra análise proposta neste trabalho é sobre o local onde esse processo materializa-se: a sala de aula. Local esse que formam-se não apenas falantes de línguas estrangeiras, mas também formadores de opinião e cidadãos.

Uma outra questão a ser abordada leva em conta os movimentos que aproximam o professor e aluno ao êxito no processo de construção do conhecimento. A descrição da relação professor-aluno no panorama atual norteia todo esse trabalho com a intenção de

levar o leitor a análises de possíveis mudanças da atuação do profissional da educação dentro e fora de sala.

Não há a preocupação com uma reflexão aprofundada da situação atual dessa atividade no Brasil, apenas uma descrição, sem desmerecer a riqueza de suas considerações.

## **2.O aluno**

### **2.1.Dificuldades**

Iniciando uma abordagem sobre Cavalcanti e Moita Lopes (1990), é clara a dificuldade no aprendizado de um modo geral no território nacional, seja pela estrutura precária, seja pelo pouco comprometimento tanto do aprendiz quanto do professor ou administrador educacional. O Brasil é uma nação gigantesca com problemas também gigantescos e históricos que levam com que a educação ocorra de maneira insatisfatória pensando-se em padrões internacionais de nações desenvolvidas. O fato de o aluno ter pouco sucesso na sua vida acadêmica acontece devido a fatores intrínsecos como sua motivação inicial e também por fatores exteriores ao seu psicológico, temos nesse caso a preocupação em dispor de estrutura físico-organizacional adequada da instituição em que está inserido. Faz-se necessário revelar quais os pontos que podem ser melhorados e traçar uma estratégia de contorno e solução dos problemas localizados. O simples discurso de mudança e reclamação pouco tem de efetivo quando se analisa o cenário estudantil brasileiro. Tratando-se de uma maneira social, temos dificuldades das mais variadas, mas mesmo assim, um plano pode ser perfeitamente elaborado com propostas que variam de ideias a investimentos financeiros efetivos.

Maia e Mendes (2009) descrevem momentos históricos que ajudam a esclarecer a via que a educação brasileira tomou para chegar ao estágio atual. No entanto, sua simples contemplação pouco se faz eficaz quando faltam meios para mudar. Crise econômica, corrupção, falta de material didático, despreparo do professor são assuntos muito debatidos e necessários, mas que são de proporções muito grandes pensando-se no psicológico do aprendiz. A psicologia surge como ciência responsável por desvendar também o modo pelo qual o pensamento humano se dá e possíveis erros de percurso na absorção, retenção e evocação de informações processadas pelo cérebro humano, especificamente no aprendizado de línguas estrangeiras.

Romanelli (1994) afirma que o cérebro na sua plenitude é o órgão responsável pela ordenação das ideias tidas ao longo do aprendizado humano. Ele pode agir de maneira regular ou pode vir a apresentar dificuldades de processamento por fatores diversos. As dificuldades do aprendizado em geral são focadas de um modo muito simplório, levando-se em conta fatores de ordem muito geral e pouco sistematizada. Considera-se o fato de nos encontrarmos em um país em desenvolvimento, não apenas como dado a ser avaliado, mas como desculpa para que muitos dos problemas continuem a existir nas gerações futuras. A seriedade com a qual a educação precisa ser encarada não é encontrada mesmo em setores estratégicos de planejamento e organização do sistema de um modo global. Há que se fazer um estudo mais claro das condições psicológicas às quais o aprendiz se encontra desde o início, no momento da inscrição em um curso de idiomas específico, do descanso necessário para que a informação se acomode e a motivação que o levou ao estudo de tal ou qual idioma. Todos esses itens são fundamentais para que o aprendiz tenha êxito no estudo de um idioma e que sua aprendizagem se concretize da maneira mais organizada e agradável possível.

## **2.2. Atenção do aluno**

Sob a luz de Romanelli (2003), a informação só pode ser absorvida quando captada de maneira clara, organizada, significativa e usual. O tema que se distancia da utilidade cotidiana tende a tornar-se algo muito abstrato e pouco atrativo para o aprendiz.. Além disso, o que deve permear todo o universo do aprendiz é a atenção. Ela pode ser voluntária ou involuntária. A involuntária começa nos primeiros anos de vida e se prolonga para o resto da vida, é a atenção não consciente, que ocorre através de reflexos e instintos, essa não é tão relevante no estudo de línguas estrangeiras. Já a atenção voluntária é aquela que ocorre por interesse do aprendiz acerca de um assunto, essa sim é crucial para o aprendiz.

Ainda para Romanelli (1994), a atenção voluntária é subclassificada em atenção seletiva, atenção alternada e atenção dividida. A seletiva é a capacidade de optar por um estímulo ou objeto específico, muito importante, mas extremamente difícil para aprendizes com déficit de atenção. Por outro lado, a alternada é a capacidade de mudar de um estímulo para outro fazendo que informações diversas sejam processadas em recortes, mas que possam fazer sentido quando organizadas. E a atenção dividida é aquela que ocorre quando se faz várias coisas ao mesmo tempo, como por exemplo, lavar louça e ouvir rádio. O processamento da informação é feito com base no que o aprendiz coletou de estímulos ao seu redor. Por isso, se o estímulo foi absorvido de maneira consciente, seu processamento acontecerá de maneira consciente, quando não, seu processamento ocorrerá com baixa retenção ou exclusão total da informação. A tarefa de criar-se um ambiente propício para a coleta efetiva dos estímulos é em grande parte um acordo entre o professor e o aprendiz ou aprendizes quando em grupo. Quanto maior o grupo, maior a importância de um ambiente de concentração e atenção por parte de todos, pois informação coletada erroneamente não leva a evocação de informação correta.

Quando há esse acordo, a chance de que estruturas linguísticas consideradas mais complexas por parte dos estudantes é muito maior. A atenção não é constante e diminui ao longo do tempo caso o estímulo seja o mesmo. Por isso, que o tom de voz do professor é algo que deve ser variado de tempos em tempos para que a atenção também continue ao longo de toda a coleta de informações. Do contrário, o esforço por parte do aprendiz deve ser muito maior, fazendo com que o risco má absorção de informação aumento gradativamente. Estímulos como música, vídeos, jogos, mudança de pares, movimentação, dança, leitura, observação visual são valiosos quando se quer a atenção do aprendiz por tempos mais longos ou para previamente alertá-los quando na apresentação de temas mais complexos em sequência.

## **2.3. A sala de aula**

Partindo de Cavalcanti e Moita Lopes (1990), a sala de aula brasileira é muito diversificada devido a fatores econômicos, regionais e que levam a identidade do método utilizado pela instituição. Seria impróprio padronizar a sala de aula e engessá-la em uma estrutura que possa não atender o objetivo o qual o professor se dispõe a atingir.

Barbosa (2011) analisa essa diversidade, o professor pode pensar de que modo o ambiente escolar é acolhedor o suficiente para que o aluno esteja à vontade e aberto a aprender. É indispensável que ele seja o agente que alia a experiência de aprendizagem e um local propício para essa atividade. No Brasil, devido a aspectos sociais, a sala de

aula também é um local de troca de experiências vividas fora dela. Com isso, o entusiasmo na aceitação de diferentes realidades na experiência de aprendizagem deve ser evidente para que se torne viva e significativa à experiência do aprendiz. Com sua cultura multifacetada, o povo brasileiro por sua natureza carismática acrescenta muito na sala de aula, em especial no ensino de idiomas estrangeiros, pois o contato que um aluno possa ter com um falante de outro idioma leva à curiosidade e um maior envolvimento com a língua alvo. Imagens que levem a curiosidade do aprendiz a respeito dos países nos quais essas línguas são faladas são muito bem-vindas. Evidenciando-se pontos fortes que apresentem características únicas das culturas estudadas, bem como pontos de ligação entre a cultura estudada e a brasileira fazem com que as diferenças e semelhanças culturais levem a discussão na sala de aula.

Ainda Barbosa (2011), diz que a sala de aula é o local de apresentação da matéria estudada e para esse fim é possível que recursos visuais como tabelas de verbos, tabelas de tempos verbais, imagens associadas às palavras escritas, números ordinais correlacionados a números cardinais sejam benéficos na memorização, o que é indispensável no aprendizado de idiomas estrangeiros e resgate de matéria já estudada anteriormente.

Maia e Mendes (2009) afirmam que a utilização de internet pode se tornar uma facilitadora quando analisada como um meio de trazer assuntos atuais e de relevância específica para certos grupos quando o método adotado pela instituição permita que seja feita. Sendo um comunicador imediato entre sala de aula e o mundo, a internet é peça fundamental para conexão com diferentes realidades culturais e até mesmo com explicações e definições das mais intrigantes que se possam ir de encontro com a matéria proposta pelo professor.

## **2.4. Perfil do aluno**

O índice de proficiência em inglês comprovado pela EF (English First) de 2012 e relatado na revista Carta Capital de 23 de maio de 2013, no qual 1,7 milhões de adultos foram avaliados nos quesitos gramática, vocabulário, leitura e compreensão, o Brasil figurou na 46ª posição no ranking, posição muito baixa. A partir desse dado e com análise do perfil do aluno brasileiro, podemos tomar posições mais claras acerca do que fazer para melhorar o cenário atual.

Ainda de acordo com o mesmo relatório o aluno brasileiro é muito peculiar quando comparado ao de países que estudam inglês como língua estrangeira de blocos econômicos hegemônicos como a União Europeia. Nota-se um preparo maior do professor devido a fatores socioeconômicos que transparecem também no desempenho escrito e oral do aluno. Utilizou-se o bloco econômico europeu não por estar próximo cultural ou economicamente ao Brasil, mas apenas por ser modelo histórico no estudo de línguas estrangeiras e região de uma multiculturalidade bem peculiar.

A mesma revista (2013) aborda que o brasileiro por estar em uma posição econômica que tem melhorado muito nas últimas décadas sente a necessidade de competir também no setor de idiomas para facilitar relações das mais variadas com os mais diversos locais do mundo. Essa postura faz com que o brasileiro que está inserido no mercado de trabalho esforce-se nas idades mais diferenciadas no estudo de idiomas estrangeiros. O estabilidade imaginada no auge da carreira profissional não acontece quando se pensa em estudos como um todo e especialmente com o estudo de idiomas estrangeiros.

Barbosa (2011) diz que por ter o aluno brasileiro idades diferenciadas, há, em geral, um misto de gerações e um misto de experiências nas salas de aula. Achar que a

homogeneidade de alunos é possível é uma tarefa árdua, mas que abre espaço para ambientes multi-etários. Muito se ganha com essa conexão entre as diversas idades tanto no que diz em conhecimento tecnológico atual por parte dos bens jovens quanto aos conselhos de vida apresentados pelos alunos não jovens.

Maia e Mendes (2009) dizem que há que se pensar em uma falta de atualização no ensino de idiomas estrangeiros nas escolas que faz com que em um momento posterior ao da sala de aula comum o brasileiro venha a estudar idiomas e tenha dificuldades habituais de adultos por razões físicas, de tempo, motivação intrínseca baixa e talvez até mesmo o estresse. Essa dificuldade não pode também tornar-se motivo para não se dirigir aos estudos, mas sim como uma mola propulsora de busca incessante de novos conhecimentos. O fato de existirem instituições em nosso país dedicadas ao ensino de idiomas que não sejam só a academia é outro ponto que dá suporte aos estudos de idiomas. O aluno brasileiro tem muita vontade de aprender idiomas estrangeiros mesmo porque é de nossa cultura o acolhimento ao estrangeiro por razões das mais diversas. Muitas vezes pela curiosidade, muitas vezes por motivos simplesmente comerciais. De qualquer maneira, há o interesse cultural e isso está enlaçado à diplomacia brasileira cotidiana do cidadão brasileiro.

Os relatórios da UNESCO (2014) anteriormente verificados relatam que a dedicação talvez seja um elemento interessante de avaliação, pois as notas de rendimento escolar dos brasileiros não são exemplares ao pensar-se em uma potência econômica. Mais do que simplesmente ter notas boas nas diversas disciplinas, é necessário que isso seja feito de maneira consciente, pois, os estudos se ainda não forem habituais na vida do brasileiro, precisam se tornar urgentemente pensando-se especialmente em termos econômicos. O aluno brasileiro fixa-se na vontade de aprender e necessita de um enfoque na efetiva atuação no momento do aprendizado através de cumprimento de normas.

## **2.5. Objetivos do aluno**

Cavalcanti e Moita Lopes (1990) afirmam que o aluno brasileiro tem basicamente dois objetivos quando procura uma instituição de ensino de idiomas estrangeiros. Ele pode ter um interesse profissional, que se encerra no cunho de uma carreira mais cheia de oportunidades. Ou ele pode ter um interesse cultural, o qual lhe trará benefícios de ordem pessoal, sem estar necessariamente vinculado a uma necessidade empresarial. Em ambos os casos há uma motivação bem definida que faz com que o seu empenho seja maior ou menor. Quando se fala de interesse profissional, imediatamente pensa-se em uma obrigação fundada na imposição de políticas de aprimoramento de capacitação do empregado, no entanto, isso vai além, podendo se estabelecer uma relação na qual a iniciativa vem do empregado e não do empregador. São plurais as possibilidades de interesse advindas da relação profissional, não podendo essas terem um caráter negativo no tocante ao aprendizado de idiomas. Quanto ao interesse cultural é mais fácil de estabelecer a sua fonte, pois está muito mais ligada a fatores internos que externos. A vontade de entender uma conversa em um idioma estrangeiro, ou então, pensar na possibilidade de assistir um filme sem precisar de legenda faz com que o interesse extrapole a necessidade imediata. Esse aluno pode ter os resultados maximizados, pois, ele ao passar pelo processo de estudos o faz com mais afinco ao saber que a suas vontades serão atingidas no momento em que compreender e expressar a língua no nível desejado. Esse aluno traz resultados mais satisfatórios, pois ele vai além do que lhe é apresentado em sala de aula, ele busca material extra, ele conecta o que é aprendido em sala com aquilo que lhe traz prazer pessoal.

Para Cavalcanti e Moita Lopes (1990), quando o comprometimento do aprendiz perpassa o cumprimento de tarefas específicas e é levado a um nível de envolvimento com a língua que ultrapassa a sala de aula, temos a constatação do interesse cultural mesmo que o aprendiz não esteja consciente disso. Nesse caso, o professor tem condições de explorar o conteúdo a que ele se dispõe apresentar de maneiras variadas, o que permite até mesmo experimentar dinâmicas que ele não poderia experimentar em outros momentos. Nesse aumento de possibilidades, o professor além de poder explorar dinâmicas diferentes, nota também que há um reconhecimento maior da sua atividade, pois ele não é um mero transmissor de conhecimento e sim um ente ativo participante do processo de aprendizado de alguém interessado em aprender não só o idioma como uma ferramenta de trabalho, mas a cultura dos povos que falam essa língua.

### **3.O professor**

Pensando-se em Cavalcanti e Moita Lopes (1990), os professores desempenham dentro de suas competências atividades que podem ser mais ou menos flexíveis fazendo com que a variabilidade ocorra ao longo de todo o processo de aprendizado e isso pode ser influenciado por fatores básicos, são eles: a intervenção da instituição que se desenvolve de maneira mais ou menos incisiva; por indicação do próprio aprendiz ao verificar pontos que podem ser adaptados a sua realidade de sala de aula; e até mesmo por releituras do próprio professor no seu processo de ensino.

Barbosa (2011) afirma que o professor de acordo com a relação tida pelos aprendizes pode facilitar todo o processo por ser uma pessoa convidativa a prática de ensino. Podendo ele quando bem recebido pelos aprendizes desempenhar atividades que trariam resultados diferentes se apresentadas por outros professores com perfil psicológico diferente. Professores extremamente rígidos podem levar o aluno a um estado de medo e tensão fazendo com que seu o processo de aprendizado aconteça de maneira menos produtiva. Alunos mais tranquilos e confiantes aprendem com mais facilidade, pois o conteúdo abordado não sofre bloqueios suficientemente fortes para que a informação nem seja recebida para posteriormente ser processada pelo cérebro.

Barbosa (2011) determina que o estágio de aproximação do professor não como um profissional da educação, mas como um ente que faz parte de um grupo que constrói o conhecimento através da interação acontece de maneira natural e pode ter efeitos a curto e médio prazo. Na postura de um professor pró-ativo no processo de ensino é possível identificar uma maior percepção por parte do aprendiz que os vínculos mantidos não são meros acordos comerciais e sim um investimento de tempo e esforço no sentido social. Quando a postura adotada é claramente profissional, o aprendiz tende a fazer apenas o que a ele é estabelecido sem maior comprometimento com o aprendizado de uma maneira holística que envolveria pesquisa extraclasse e questionamentos além do esperado pelo professor.

Ainda para Barbosa (2011), o equilíbrio entre a empatia e a exigência proferida pelo professor devem ser tais que isso facilite o processo de aprendizagem. Subjetividades fazem com que o papel norteador da figura do professor se faça difusa em meio a considerações pontuais e pessoais de atitudes acerca de assuntos diversos. Tão importante quanto às diferenças em um mesmo professor é a diferença de professores, pois os diferentes variantes e elementos culturais que cada um traz da vida faz com que haja uma junção de toda essa experiência através de histórias contadas, diferentes variantes e informações de fontes das mais variadas.

Para Maia e Mendes (2009), o elemento variante linguística dá vitalidade e expressa à região na qual se viveu e se trouxe costumes. É fator de distinção de um

período e região específicos que tem muito a expressar ao aprendiz. Quando o aprendiz se depara com diferentes sotaques ele aprende muito mais que apenas grupos de palavras isoladas, ele aprende questões culturais que a vivência do professor tem a comprovar. As várias técnicas e professores agregam muito ao aprendizado do estudante de línguas estrangeiras, o que a princípio parece desafiador para o aluno especialmente em níveis iniciais é muito interessante e proveitoso quando utilizado com parcimônia.

De acordo com Gardner (2000), ficou evidenciado que muitas vezes os alunos não aprendiam simplesmente porque os métodos adotados pelos professores não satisfaziam o seu estilo de aprendizagem.

Segundo Gardner (2000), os aprendizes tem estilos de aprendizagem que faz com que a eleição dos meios para atingir esse aluno sejam explorados ao máximo para que tenha êxito nos estudos.

As inteligências são para Gardner (2000): lógico-matemática, linguística, musical, espacial, corporal-cinestésica, intrapessoal, interpessoal, naturalista e existencial. E cada uma se amolda ao estilo de cada aprendiz, o que compete ao professor preparar aulas que beneficiem os alunos nas diversas inteligências. A inteligência lógico-matemática caracteriza-se por ter a habilidade de raciocínio dedutivo e para solucionar problemas matemáticos e de avaliar objetos e abstrações. A inteligência linguística é aquela que explora um gosto pelos idiomas e pelas palavras, predomina entre os poetas e escritores. A inteligência musical é a que explora o ritmo, melodia e timbre. Pode associar-se facilmente com outras inteligências como a linguística, espacial e a lógico-matemática. É predominante entre críticos de música e compositores. A inteligência espacial é a que se refere à compreensão do mundo visual com precisão mesmo sem estímulos físicos. É predominante entre arquitetos e cartógrafos. A inteligência corporal-cinestésica é a que se compõe da capacidade de organizar movimentos do corpo. Comum entre dançarinos e esportistas.

Existem ainda, segundo Gardner (2000), a inteligência intrapessoal que é a que compreende a capacidade de se conhecer. Identificável entre psicoterapeutas e conselheiros. A inteligência interpessoal é aquela cujo foco é a compreensão de intenções, desejos e motivações dos outros. Muito corrente entre políticos e religiosos. A inteligência naturalista é aquela que compreende organizar objetos, fenômenos e padrões da natureza. Presente entre biólogos e geólogos. A inteligência existencial abrange a capacidade de refletir e ponderar sobre questões existenciais. Ocorre entre líderes espirituais e filósofos.

Gardner (2000) explicita que é comum observar que os aprendizes podem estar inseridos em mais de um grupo o que leva o professor a explorar o mesmo conteúdo de maneiras distintas para que todos os aprendizes sejam satisfeitos. Há que pensar-se nos estudos trazidos por Gardner e a situação atual do Brasil descrita pela UNESCO.

Relatórios da UNESCO divulgados em 28 de janeiro de 2014 apontam dados que surpreendem muitos brasileiros pelos seus números exorbitantes. Há no Brasil cerca de 13 milhões de pessoas que não sabem nem ler nem escrever, o que faz do Brasil o oitavo país no mundo com maior número de analfabetos.

O relatório supracitado aponta ainda que o aluno está na sala, mas não aprende. A UNESCO concluiu que a valorização dos professores pode mudar essa situação e faz um alerta para que os governos ofereçam melhores condições de trabalho para esses profissionais. Os professores precisam ser treinados para entender as necessidades dos seus alunos. O piso salarial é muito baixo e precisa corresponder à média paga a outros profissionais com formação de ensino superior. O professor procura equilibrar esses problemas com a sua atuação.

Para Cavalcanti e Moita Lopes (1990), de um modo bem abrangente, o professor brasileiro tem muita criatividade na sala de aula e de um modo geral é muito fácil para ele desenvolver atividades que lidem com um teor de espontaneidade, pois da nossa cultura muito temos a oferecer e discutir nos diversos âmbitos.

Maia e Mendes (2009) dizem que o professor brasileiro é capaz de misturar a música, leitura e dança em uma mesma atividade objetivando ensinar a gramática de tal maneira que para outras culturas pode parecer algo desorganizado com pouco proveito pedagógico. Tais discussões abrem margem a um estilo diferenciado de atuar na sala de aula que chegue muito próximo do lúdico aplicado com crianças. É prática brasileira também utilizar-se de pouco recurso material tanto no planejamento quanto no desenvolvimento de exercícios que podem ter um grau de complexidade muito elevado. Na escola convencional pública, o professor é convidado a fazer muito com o menor investimento possível, o que se transfere para as outras áreas da educação no país.

Para Maia e Mendes (2009), em um histórico de investimento econômico reduzido na esfera pública, pensa-se muito na melhoria do cenário da educação no Brasil como um todo. A estreita ligação entre o poder público e a consolidação de políticas de aplicação de capital na educação revertendo-se também em benefícios para os professores leva o professor a descrença no aparelho estatal abrindo margem para uma atuação mais eficaz por parte da iniciativa privada, levando a um maior desenvolvimento do ensino de idiomas estrangeiros no setor privado. O professor brasileiro tem uma motivação ligada ao contato com o ser humano que é o aprendiz e isso transcende a sala de aula, pois ele se mostra prestativo quando na realização de atividades que fogem à sua competência. Ele chega a exercer até mesmo funções de orientador de uma maneira dirigida a aplicação das suas atividades específicas. O professor o faz por achar que isso faça parte das suas incumbências. A antiga figura de transmissor de conhecimento saiu não só dos manuais de educação, mas também da prática do professor brasileiro que em geral está mais ligada ao sócio-interacionismo seja por influência de vanguardas europeias ou americanas no campo do ensino, seja por experiência pedagógica.

Barbosa (2011) afirma que o papel de agente transformador da sociedade talvez se perca nas atividades cotidianas, mas ganha um ar inspirador nas discussões políticas acerca do papel do professor. No caso dos idiomas estrangeiros, o professor é muito mais um mediador entre culturas que são expostas frente a frente e que são compreendidas ao longo do aprendizado. Essa mediação é extremamente importante e muitas vezes também imparcial por ser muito difícil separar na explicação de um tema, o conteúdo das paixões pessoais do professor, algo que transcende uma análise educacional e entra no campo da Filosofia. Os vetores de toda a prática pedagógica efetiva do professor de idiomas encontram-se nas associações e grupos de professores de idioma e suas reuniões periódicas com palestras e eventos diversos tornam-se a extensão da preparação intelectual do professor de idiomas estrangeiros. Não só com a apresentação de técnicas utilitariamente desenvolvidas, mas também com a abordagem de temas na pauta mundial de educação ou até mesmo com a revelação de atividades que surtiram efeitos positivos para um aprendiz ou grupo de aprendizes específico.

#### **4. Dentro e fora da sala de aula**

Com base em Cavalcanti e Moita Lopes (1990), os diferentes métodos e abordagens utilizados pelas escolas levam a diferentes resultados que se fazem necessários de identificação no momento da escolha da instituição pelo aluno. Deve-se avaliar a relação entre a proposta apresentada pela instituição e sua efetividade no

momento da aula. Os estilos são dos mais variados, desde escolas que propõem um ensino rápido até escolas que se determinam mais tradicionais. A busca dos diferentes estilos compete ao aprendiz levando em consideração o que a ele é mais coerente.

Maia e Mendes (2009) afirmam que as instituições se propõem aos mais diferentes objetivos. Algumas delas destacam uma ênfase a oralidade, o que muitos consideram importante para um contato direto com falantes de outros idiomas. Outras se propõem a um ensino com ênfase na palavra escrita, com leitura de artigos, livros, revistas e também da escrita. Há ainda, as que misturam diversas habilidades para que o aprendiz possa ter uma compreensão holística do idioma e venha a se desenvolver bem em várias áreas. Há métodos que focam totalmente na maior absorção de vocabulário possível no menor tempo. Elas se pautam em técnicas de memorização e exigem um esforço extraclasse o que também é apresentado em geral na explicação acerca do método. Esses métodos são acolhidos por aprendizes que tem viagens e reuniões na língua-alvo e precisam de um preparo mais rápido. A imersão também é muito comum no cenário brasileiro atual. Com a criação de um ambiente em que a língua falada é apenas a língua-alvo, temos uma imitação do ambiente natural de fala da língua. Com situações cotidianas, o aprendizado da língua estrangeira ocorre de maneira bem próxima da natural como a de situação de viagens e transportam a leitura do livro para interpretações significativas. A aplicação desse método esta em geral associada à tentativa de aproximar a cultura estudada com a realidade material disposta na instituição de ensino.

Para Barbosa (2011), há ainda escolas que focam em divisões por faixas etárias. Levando em conta o aspecto psicológico que é variável dependendo do grupo etário em que o aprendiz se encontra. Algumas instituições, inclusive, ofertam cursos apenas para crianças, apostando em uma proposta de recriação de alfabetização e uma tentativa de proximidade com o bilinguismo. Outras também têm nos seus professores um olhar diferenciado com a contratação apenas de profissionais falantes nativos do idioma alvo. Algo que aprendizes que consideram o professor nativo o mais apropriado para ensinar o idioma uma alternativa única dentro de um universo de estilos de instituições existentes em nosso país. Opções são várias, basta que a o aprendiz seja bem específico com seus anseios de aprendizado.

#### **4.1. Material didático**

Para Fiscarelli (2007), o material do professor pode em algumas instituições ser critério de eleição particular do professor ou ate mesmo uma escolha previa da instituição. Em ambos os casos há um material central para o cumprimento das atividades. O material escolhido é de extrema importância, pois pode surtir efeitos positivos ou negativos em curto e longo prazo. Efeitos positivos esses que vão desde a satisfação pessoal do aprendiz quanto à divulgação por parte dos que se encontram satisfeitos. Já os negativos superam análise critica no livro impresso ou não e vão até um nível de desmoralização da instituição como um todo. Em curto prazo temos a possibilidade de continuação na instituição ou em longo prazo à perpetuação dos amigos, parentes e conhecidos através de uma propaganda positiva pelo mesmo. Tudo isso pela adoção de um material didático específico. O material está também ligado à abordagem tida pela instituição daquilo que se quer oferecer. Há instituições que se identificam com uma dinâmica mais escrita e há instituições que abram mais espaço a expressão oral e isso entra em harmonia com a eleição do material didático. Quando há uma dissociação do que é praticado pela instituição e a proposta do material didático pode haver um comprometimento do rendimento desse aprendiz.

Ainda para Fiscarelli (2007), a temática do material deve ser muito clara para que o aprendiz se atenha mais a atividade propriamente dita e não a indagações sobre a adequação da atividade e a abordagem pedagógica da instituição, afinal, essas são ponderações organizacionais e fogem do alcance do aprendiz ou ao menos assim o deveria ser. A inclusão de elementos visuais ou sua ausência são expectativas que o próprio aprendiz já tem em mente e transfere em satisfação ou frustração no cotidiano da sala de aula. Ele já espera algo que deve ou deveria em sua opinião ser atingido na instituição que estuda ou venha a estudar. O material não se resume apenas ao livro-texto, pode percorrer por atividades extras, material de apoio e recursos tecnológicos. Vai da postura da instituição adotar mais ou menos materiais e seu objetivo prático em aula a intenção inicial. O uso de computadores e internet são uma grande fonte de informação que não pode ser menosprezada em um mercado tão competitivo quanto o de ensino em nosso país.

Fiscarelli (2007) afirma ainda que o material pode refletir não apenas aquilo que os aprendizes gostariam de aprender, mas também aquilo que efetivamente precisam aprender nos mais diferentes níveis oferecidos pela instituição. O comprometimento com o bem estar do aprendiz não pode se confundir com o comprometimento do ensino de idiomas na instituição. Tudo pode ser aprimorado e quando em necessidade a escolha de um novo material que atenda melhor um público que também é dinâmico. A periodicidade de pesquisa de satisfação é um parâmetro para se pensar na adoção de um material ou outro desde que apoiado no consenso entre a vontade do aprendiz, intenção pedagógica da instituição e real avaliação prática dessa mudança.

#### **4.2. Psicologia na sala de aula**

Romanelli (1994) nota que alunos com situação socioeconômica próximas têm desempenhos muito distintos. Ele às vezes, pode se culpar pensando que a técnica adota foi desfavorável para certos alunos, mas esquece de considerar que os alunos tem desenvolvimento da própria estrutura cerebral também diferenciados o que pode levar ao êxito ou fracasso no ensino de conteúdos específicos, há vários problemas de aprendizagem que podem ser subdivididos em deficiências de aprendizagem, dificuldades de aprendizagem e distúrbios de aprendizagem.

Em seus estudos relata Romanelli (2003) que deficiências de aprendizagem são aquelas em que os indivíduos apresentam um déficit cognitivo, são os portadores de necessidades especiais. As causas desse retardo mental podem ser genéticas, como no caso da síndrome de Down ou podem ocorrer durante a gestação, chamadas de congênitas, que são adquiridas da mãe, rubéola, sífilis que vão prejudicar o funcionamento cerebral. Dez por cento dos casos de problemas de aprendizagem formam esse grupo. Já as dificuldades de aprendizado são aquelas que provem de situações negativas de interação social, são as mais numerosas das falhas do processo de aprendizado. São essas os bloqueios cerebrais que ocorrem quando um gesto, olhar, tom de voz ou outra atitude por parte do professor ou dos colegas de classe ameaçam ou agridem o aprendiz de alguma forma. Oitenta e cinco por cento dos problemas de aprendizagem formam esse grupo .

Descreve ainda Romanelli (2003) os distúrbios de aprendizagem que são disfunções neurológicas, falhas neurais. Centros nervosos ou alguns grupos de neurônios não acompanham o ritmo de outras áreas e o comportamento de controlavam se torna incompleto ou ausente. São exemplos de distúrbios a dislexia, a disortografia, a disgrafia e a discalculia. Formam aproximadamente cinco por cento dos problemas de aprendizagem.

Para Maia e Mendes (2009) há que se preparar professores no sentido de identificar os problemas de aprendizagem que podem traçar um plano de atuação no qual o aluno pode vir a atingir o seu potencial, independente de resultados numéricos, mas que satisfaçam os objetivos deles próprios e de seus familiares. Com base nisso, o conhecimento da Psicologia traz efeitos práticos e muito importantes que podem determinar o sucesso do aluno no aprendizado de línguas estrangeiras modernas.

De acordo com Romanelli (1994), para que a informação acomode-se no cérebro do aprendiz é necessária a repetição, seja ela dentro ou fora da classe. Para isso o professor pode lançar mão de mecanismos como trabalhos, projetos, fichários e o mais comum a tarefa. Esses mecanismos funcionam como uma revisão do conteúdo apresentado, e a partir daí há uma consolidação da informação que o professor se propôs a apresentar. É necessária a compreensão por parte do aprendiz que esses mecanismos são necessários para uma aprendizagem completa e dinâmica, pois se há informação a ser estudada, ela não se esgota na sala de aula. Como o aprendiz, em geral, precisa de tempo para que o conteúdo seja absorvido e armazenado, tais mecanismos são ferramentas que levam ao armazenamento eficaz da informação. Quando o conteúdo é apresentado de maneira desorganizada ou não é permitido que o conteúdo seja absorvido de modo ordenado, se compromete todo o processo de aprendizado.

Ainda para Romanelli (2003), a maneira que o aprendiz em geral encara as atividades complementares extraclasse podem sim ser positiva, ele sabe da importância, mas reluta para fazê-las. Ele reconhece a sua necessidade pedagógica, mas fica satisfeito com resultados não tão satisfatórios obtidos pela não feitura de tarefas ou exercícios extraclasse. Tal satisfação se dá ao fato que ele quer prosseguir a outro nível, mas não consegue ter uma visão holística do aprendizado de um idioma, da complexidade de suas estruturas, da necessidade de um repertório vasto para que sua escrita e oralidade se operem de modo mais eficaz.

Romanelli (1994) descreve que os resultados obtidos de uma maneira geral fixam-se em torno da média exigida para passar de nível. No entanto, o que ele quer é a fluência no idioma, algo que se obtém com esforço e dedicação, e não com a obtenção de resultados medíocres. A fluência é resultado de muito empenho, seria efetivamente o ápice no aprendizado de línguas, para tal deve ele dar o seu melhor desde níveis iniciais, por serem esses os mais importantes para o aprendizado de estruturas que são utilizadas ao longo de todos os níveis de aprendizado de um idioma estrangeiro. As tarefas e trabalhos extraclasse devem ser administrados pelos professores não como algo opcional que trará resultados positivos em longo prazo, mas como estruturas componentes de uma diretriz bem clara que define o aprendizado como a soma de atividades realizadas em sala de aula e das práticas realizadas pelos aprendizes fora de sala. Tal soma leva ao aprendizado eficaz e possibilita o aprendiz que alcançar a proficiência no idioma desejado, saindo de um papel passivo no processo de aprendizado quando contrata uma instituição para guiá-lo e adotando um papel ativo consciente de sua função e participação no processo de aprendizado.

Conforme Romanelli (1994), o descanso é necessário e o sono é a base para a consolidação da memória. Com base nisso, o aprendiz que tem o seu descanso respeitado, apresenta uma maior chance de aprender o idioma estudado com mais facilidade que aqueles que não têm o seu descanso respeitado. É fato que quando estamos bem descansados desempenhamos nossas funções diárias com mais acuidade do que em momentos em que nosso descanso não foi possível. Não somos máquinas, e até mesmo elas precisam de reparos e manutenção, algo que se compara em termos de aprendizagem ao descanso. Experiências feitas com ratos demonstrou que qualquer alteração que ocorra no sono interfere na memória. Há a especulação de que a fase de

ondas lentas do sono é responsável pelo processo de limpeza da memória antiga, e que o sono REM (rapid eye movement) tem ligação com a retenção de novos conhecimentos. O neurologista Sidarta Ribeiro do Instituto Internacional de Neurociências de Natal Edmond e Lily Safra (IINN-ELS) fez experimentos com grupos de alunos que após o estímulo com palavras novas por 10 minutos dormiam por 2 horas e grupos de alunos que não dormiam. Ficou evidenciado que o grupo de alunos que descansava tinha um melhor desempenho para lembrar-se das palavras estudadas. A doutrina psicológica não é unânime quanto aos processos de memória, mas concordam na importância do sono na consolidação da memória. A partir daí, pode-se concluir que a necessidade de um bom sono faz com que o aprendizado de idiomas aconteça com maior facilidade porque com a mente descansada o aprendiz tem uma abertura maior a novos conhecimentos. Com isso, pode ser levado em consideração no momento de avaliar o desempenho geral de um aprendiz o estilo de vida que leva e seus hábitos de sono. Pois os aprendizes precisam de descanso diário e com a quantidade de horas ideal ao seu organismo para que as informações se processem da melhor maneira.

Romanelli (2003) afirma que incentivar hábitos de vida saudáveis e descanso regular é uma atividade que pode mudar enormemente o desempenho geral de aprendizes que não o fazem seja em função do seu trabalho, seja por motivos de ordem psicológica, mas que ao serem incentivados a procurar ajuda profissional podem ter seu aprendizado renovado e melhorado.

## **5.Considerações finais**

Para Maia e Mendes (2009), é preciso que a formação do professor seja feita de maneira organizada e que leve esse profissional a saber fazer. Após o relato do ensino de idiomas estrangeiros no Brasil, é possível destacar a peculiaridade com que o professor se depara tanto na própria noção da sua função, quanto com a necessidade do aluno brasileiro de aprender idiomas seja por objetivos culturais ou por intenções profissionais, descritos por Barbosa (2011).

## **Referências**

BARBOSA, A. J. G. A diversidade em sala de aula e a relação professor-aluno. Disponível em: [www.scielo.br](http://www.scielo.br) Acesso em 24 de junho de 2014.

BUENO, Ivonte. O ensino de língua inglesa em contexto globalizado: expectativas e desafios vivenciados pelos discentes, 2010.

CAVALCANTI, M.C., MOITA LOPES, L.P. Implementação de pesquisa na sala de aula de línguas no contexto brasileiro. X ENPULI, 1990.

FISCARELLI, R.B. Material didático e prática docente. Disponível em: [www.scielo.br](http://www.scielo.br) Acesso em 26 de junho de 2014.

GARDNER, Howard. Inteligências múltiplas, a teoria na prática. Porto Alegre, 2000

MAIA, S. F., MENDES, B. M. M. A formação do professor de inglês no Brasil: Aspectos de história, ensino básico e superior. Disponível em: [www.scielo.br](http://www.scielo.br) Acesso em 28 de junho de 2014.

ROMANELLI, E.J. et al. Adaptação da bateria de testes neuropsicológicos de Luria. Curitiba: UFPR, 1994.

ROMANELLI, E.J. Neuropsicologia aplicada aos distúrbios de aprendizagem “Prevenção e terapia”. In: Temas em educação II – Livro das Jornadas 2003. Pinhais: Futuro congressos e eventos, 2003.